

**Da economia do engrandecimento futebolístico. Génio, trabalho e outros mistérios da recreação.** Este artigo examina o engrandecimento futebolístico como economia moral. Para isso, centra-se nos dois futebolistas que, em títulos coletivos e troféus individuais, dominaram o futebol mundial na última década e meia: Lionel Messi e Cristiano Ronaldo. À pala da disputa em torno de “o melhor jogador do mundo” ambos foram e são objeto de discursos laudatórios e críticos que tendem a refletir o cotejo direto das suas qualidades e defeitos. É através desses discursos que concluímos que a singularidade futebolística articula os constrangimentos cognitivos e as regras gramaticais daquilo que a sociologia pragmática designa de *cités* da inspiração e industrial.

**PALAVRAS-CHAVE:** grandeza futebolística; sociologia pragmática.

**On the economy of footballers' worth. Genius, labour, and other mysteries of recreation.** This article examines footballers' worth as moral economy. For this purpose, it focuses on the two footballers who have dominated world football in the last decade and a half: Lionel Messi and Cristiano Ronaldo. Under the debate over “the best player in the world” both were and are the subject of laudatory and critical discourses that tend to reflect the direct comparison of their qualities and defects. It is through these speeches that we find out that the football singularity articulates the cognitive constraints and the grammatical rules of what pragmatic sociology calls inspiration and industrial *cités*.

**KEYWORDS:** footballers worth; pragmatic sociology.

JOÃO SEDAS NUNES

LUIZ GUILHERME BURLAMAQUI

**Da economia  
do engrandecimento futebolístico.  
Génio, trabalho e outros  
mistérios da recriação**

INTRODUÇÃO.

MESSI VERSUS RONALDO: PORQUÊ, PARA QUÊ?

Ronaldo e Messi são, podemos rapidamente notar, dois jogadores bastante diferentes – ou, noutros termos, dois futebolistas que protagonizam estilos de jogo em alguns aspetos críticos contrastantes. Uma representação muito forte por nós colhida junto de técnicos de futebol, em especial das camadas jovens de clubes portugueses, compara o futebol naturalmente fluido e de repertório virtuoso e fantasioso de Messi com o futebol atlético e possante construído no treino e no ginásio de Cristiano Ronaldo. Esta clivagem ainda há pouco tempo avultava outra vez na conversa com um treinador de um grande clube do futebol português. Este elogiava em Cristiano Ronaldo, acima de tudo, a férrea determinação em ser um grande jogador de futebol, patente desde tenra idade e nunca afrouxada.<sup>1</sup> Nada de original, adite-se. Como se destacará mais à frente, enquanto Messi granjeava e cimentava a reputação de “génio do futebol”, o êxito de Ronaldo era, de forma primeiro progressiva e depois consecutiva, atribuído ao uso hiper-regrado do corpo e ao trabalho exaustivo.

1 Apuramento feito junto de oito técnicos das camadas jovens masculinas de clubes de distinta centralidade no futebol português (dois “grandes” incluídos), seis dos quais no âmbito de uma pesquisa sobre profissões de sonho (para os jovens portugueses) em que, entre outras, era explorada a futebolística. O mais interessante desse apuramento, cabe salientar, é que ele não foi procurado/estimulado pelo investigador. À laia de exemplo particularmente difícil de replicar, a exaltação da qualidade e do nível futebolístico ímpar atingido por Ronaldo, invariavelmente reconhecido, quase sempre se compaginou com o contraste anotado: Ronaldo como *triumfo da vontade*, perante a *genialidade natural* de Messi.

Este “introito” serve para, de imediato, indicar ao que este artigo vem: debater as representações geradas no campo futebolístico sobre Messi e Ronaldo, muito em particular quando são, controversamente, comparados. Trata-se, em síntese, de representações tendencialmente antitéticas, forjadas ao longo de duas carreiras paralelas no tempo e, em particular durante o período hispano de Ronaldo, produzindo *uma concorrência hiperbólica*. De facto, com esse “encontro ibérico” coincidiu não só, nos primeiros anos, um aumento “exponencial” da prolifidade de ambos como o “monopólio”, entre os dois, por quase década e meia (como também se verá adiante), dos principais prémios futebolísticos individuais do mundo. Isto, porém, não basta para definir o objeto deste artigo. É que, na realidade, o artigo é menos sobre Ronaldo e Messi ou sobre a rivalidade entre eles do que sobre os sistemas de classificação e as gramáticas sociais que se acoplam ao engrandecimento futebolístico. Em certo sentido, Ronaldo e Messi só aqui estão porque justamente os *seres grandes* do mundo futebolístico tendem a ser sujeitos individuais e, portanto, tem de ser neles que se procura e restitui os juízos específicos de qualificação desse mundo.

O facto de nos propormos restituir juízos *situados* em disputas públicas sobre Ronaldo e Messi que, entre outras realizações, são enformados por certas ordens de grandeza futebolística, inclina a, do ponto de vista teórico, favorecer uma análise baseada na chamada sociologia pragmática codificada pioneiramente por Boltanski e Thévenot enquanto sociologia das ordens públicas de (crítica e) justificação.

Em *De la justification*, Luc Boltanski e Laurent Thévenot (1991) mostraram que a legitimidade pública dos argumentos usados nas disputas e litígios públicos de diferente sorte depende, em particular, da sua capacidade de se enquadrarem em *cités*, quer dizer, em grandes gramáticas convencionais legítimas de apreciação e formação do laço social e político nas quais se especificam conceções particulares do bem comum da comunidade organizadas, cada uma delas, a partir de um dado princípio de justiça.

Como regra geral, notar-se-á, a concretização dos juízos (críticos, justificativos) pressupõe um trabalho de qualificação das coisas e dos seres. Só assim é assegurada a natureza convencional do juízo. Mas este trabalho de qualificação é exigente. De facto, os argumentos, sejam de crítica ou de justificação perante críticas, carecem de provas elas próprias convencionais. Cada  *cité*  contempla as suas provas típicas e os objetos típicos que a evidenciam. Os registos de justificação específicos de cada  *cité* , então, encerram e revelam não apenas princípios de justiça, mas também mundos feitos de objetos e dispositivos convencionais.

Uma das contribuições principais do gesto pragmático inaugurado por Boltanski e Thévenot é, assim, permitir pensar a complexidade das esferas contemporâneas da vida social com base na possível combinação de gramáticas

morais e princípios plurais de justiça. Combinação – na verdade, compromisso que, porém, uma vez alcançado implica apenas alguma estabilidade. A qualquer momento, os próprios compromissos estabelecidos podem ser postos em causa, enfraquecidos por novas críticas.

Um das hipóteses centrais que este artigo apresenta (em rigor, aquela que o coroa) põe em jogo precisamente a possibilidade de o futebol, como ordem específica de grandeza, assentar num compromisso entre (pelo menos) dois princípios (diferentes) de justiça e de ser nesse compromisso que radica uma dada hierarquia (comprovável) entre os seres presentes/relevantes e os padrões de medida e prova específicos utilizados durante as disputas mais ou menos tensas de classificação futebolística. Princípios e compromisso esses que, a seu tempo, serão introduzidos e aclarados.

Para explorar ou, melhor, para constituir este objeto, o *corpus* documental do artigo circunscreve-se a um conjunto heteróclito de representações recolhidas, na sua maioria, nos meios de comunicação social; além disso, quando necessário, recorreremos também a biografias já produzidas sobre Messi e Ronaldo.

#### DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE OS JOGADORES ÀS GRAMÁTICAS QUE AS ENFORMAM: UM OBJETO MULTIDIMENSIONAL POR CONSOLIDAR

Em termos amplos, a pesquisa sobre as carreiras de jogadores tem sido campo menos fértil do que a sobre adeptos. Quando se fala mais especificamente de Messi e de Ronaldo, então existem pouquíssimos trabalhos dedicados à compreensão destas duas figuras. Entre a penúria, destacar-se-ão os trabalhos do historiador Stephen Wagg e os do antropólogo Pablo Alabarces. O primeiro, por ocasião da transferência de Ronaldo do Manchester United para o Real Madrid, etnografou adeptos na região de Manchester. Com base nos dados colhidos a partir de observação participante em bares na região de Manchester, Wagg mostrou como Ronaldo se distanciava da figura arquetípica do ídolo local. Em Manchester (na primeira passagem de Ronaldo por Manchester), a dualidade não era construída com Messi, mas com Paul Scholes, o ídolo que congregava as características de um homem de Manchester celebradas pela comunidade local. Avesso às aparições públicas, caseiro e devotado à família, Scholes era a antítese de Ronaldo. Na visão dos adeptos de Manchester (marcada, como o próprio Wagg estabelece, pelo momento agitado e propício à hostilidade ao “desertor” em que os dados foram recolhidos – aquando da transferência de Ronaldo para o Real Madrid), este, Ronaldo, era o oposto: vaidoso e ególatra, não encarnava, na sua agencialidade futebolística, os valores da comunidade. Comunidade dos “reds”, bem entendido. É ainda por Wagg

(2010) que sabemos que, na mesma fase tempestuosa, a imagem de Ronaldo na comunidade portuguesa emigrada em Inglaterra era diferente: nela, Ronaldo era visto como “alguém que trabalha duro”.

Para o caso de Messi, Pablo Alabarces (2018) escreveu pioneiramente sobre a forma como o ídolo era objeto de percepção em território argentino. Acordando o argumento de Wagg, Alabarces igualmente situou Messi “entre o local e o global”. Ao invés de Maradona, o último “herói nacional”, Messi não possuiria as condições necessárias para se tornar um herói argentino. Apontando às origens sociais não plebeias de Messi, à sua falta de carisma, ao conformismo ao guião que o mercado global estipula para si e às suas frieza e mudez (apolítica), Alabarces (2018: 42) defendeu que Messi dissidiaria irremediavelmente dos valores da comunidade local:

De todas as condições de mito que Maradona apresentava, Messi só tem uma. Nada menos do que a condição excecional do seu jogo: mas isso é amplamente suficiente para falar de futebol, e bastante insuficiente para falar de mitos nacionalistas e narrativas patrióticas. Messi, então, desprovido das ruturas e dos conflitos – e da condição plebeia, radicalmente popular – de um Maradona, não pode, pôde ou poderá articular esse relato desportivo da pátria. Ainda que tivesse ganhado a Copa do Mundo, ainda que tivesse “traído a Copa” depois de converter trinta e sete golos, cinco deles épicos, nunca será outra coisa que um bom menino. Mas nunca um *pibe*. Messi é irreduzível à *lógica del aguante*, à *épica dos huevos y el corazón*.

De qualquer jeito, facto inegável e central é que, a despeito dos dois trabalhos supracitados, é escassa a literatura académica quer sobre a figura de Messi, quer sobre a de Ronaldo, quer ainda, *et pour cause*, sobre a representação anti-tética do talento de Messi como contraposto ao estilo de Ronaldo como alguém que se fez pelo trabalho. Isto não significa que esta índole comparativa tenha surgido no mundo futebolístico com a rivalidade Messi-Ronaldo.

De facto, muito antes daqueles sequer terem nascido, no Brasil, já nos anos 50 e muitos e 60 e poucos, altura em que coincidiram nos gramados brasileiros, Garrincha e Pelé eram distinguidos segundo o índice que casa antinomicamente *trabalho duro* e *talento*. Enquanto Garrincha era imaginado como produto direto do povo brasileiro, da liberdade, da espontaneidade, da diversão – o seu jogo era puro, natural, genuíno –, Pelé era ideado como produto fabricado: um jogador fruto da disciplina profissional.<sup>2</sup>

2 A esta diferença de representação e de corpo não será alheia a diferença de origem de classe entre os dois: enquanto Garrincha poderia ser descrito como um camponês, Pelé havia sido criado numa cidade operária, Bauru, onde o valor do trabalho era predominante.

Se é verdade que esta distinção entre Garrincha e Pelé cedeu ao tempo, não é demais realçar que, na época do apogeu simultâneo de ambos, constituía uma representação ferreamente cultuada e instituída. Como vincam Lopes e Maresca (1992), “enquanto Garrincha devia a essência de seu talento ao esporte amador, os dons de Pelé só foram plenamente desenvolvidos no futebol profissional. Seus 12 anos de sucesso profissional permitiram-lhe conservar até hoje o brilho de seu nome, estendendo-o a outros setores de atividade ligados ao esporte – publicidade, criação de empresas, etc.”

Garrincha que, frise-se, foi até ao fim não só um ícone do “jogo pelo jogo”, sem compromisso, mas também da rejeição do profissionalismo. Em alto nível, a carreira de Garrincha terminou relativamente cedo, em 1963, mas ele perambulou por clubes pequenos até aos 40 anos e, mesmo depois disso, de certo jeito prolongou a carreira passando a viver de exibições de jogos de pelada. Assim, ao contrário de Pelé, Garrincha *não soube sair a tempo* e, não fora a morte precoce, provavelmente não teria sido possível colar à narrativa como tragédia do “herói do povo” uma incontestada “glória póstuma” (Duret, 1993, p. 14).

A menção a “herói do povo” abre, por sua vez, para um outro tipo de objeto ligado à observação de jogadores com algum património acumulado nas ciências sociais. Falamos da associação entre jogadores e valores/virtudes emblemáticas que o seu futebol condensaria, pautando, por sua vez, esse conjunto indivisível reivindicações de reconhecimento social por parte de grupos sociais mais ou menos explicitadas enquanto tal.

Christian Bromberger (1995) foi o primeiro a mostrar o modo como as formas internas de torcer são, elas mesmas, fruto de relações complexas de concorrência a que não são alheias as condições sociais dos adeptos. Essas formas correspondem a um jogo de identidades contrastantes no qual, por seu turno, se enraíza um princípio de concorrência para impor os modos legítimos de apoiar o clube, encorajar e recrutar os jogadores. Esta competição, que pode inclusive reverter em práticas coletivas de afrontamento dos outros adeptos, fustigando-os com críticas e dizeres que desvalorizam o seu valor enquanto adeptos, integra: a) de um lado, uma seleção divergente dos jogadores mais queridos, escolha que assim prolonga numa nova dimensão o jogo complexo e cruzado de identidades em simultâneo desportivas e sociais que o torcer por um clube de futebol atíça; e b) do outro lado, o facto de que a equipa pode funcionar como uma metáfora expressiva para uma identidade coletiva que transcende o clube. Isso fica claro no caso da relação do Marselha com a cidade de Marselha quando toca a recrutar jogadores. Esse recrutamento não se faz apenas segundo as leis da eficácia competitiva, mas de acordo com um imaginário de capacidades coletivas ao mesmo tempo desportivas e urbanas que neles se projeta.

O ponto-chave do argumento: os adeptos reconhecem-se facilmente nas qualidades que celebram nos jogadores. Segundo a fórmula de Christian Pociello (1983, p. 251), “esperam dos seus heróis que eles exaltem as qualidades e valores próprios do grupo de modo a se admirarem a si próprios quando os admiram a eles, jogadores”.

Tudo indica que foi isso mesmo que Bromberger observou para o caso do Marselha. Fiéis à divisa centenária do clube de Marselha – *direito ao golo* –, os sucessivos dirigentes do Olympique de Marseille privilegiaram sempre, na política de aquisições, jogadores que mesclassem as qualidades do virtuosismo e do espírito atacante, acompanhadas da indispensável virilidade e agressividade. Assim, em sucessivas gerações de jogadores e adeptos, reproduz-se um ideal autoendossado através do qual os adeptos se reconhecem duplamente como adeptos do OM e marselheses.

Esta concorrência – na verdade: esta pluralidade da audiência adepta que tende a compor cada clube particular de modo mais ou menos acentuado – foi estudada com alguma profundidade para um sem-número de clubes franceses e ingleses nos anos 1990. Então, a virada mercantil do futebol mais não fez do que acentuar os contrastes antecedentes, nomeadamente a oposição entre uma apropriação pequeno-burguesa e outra operária dos clubes e das modalidades de pertença. A um friso viril e confrontacional (em parte porque acochado) da apropriação operária, matizada na preferência por jogadores *raçudos*, que dão tudo até à exaustão, “bad boys” fora do campo, guerreiros e campeões da resistência à dominação de classe, opunha-se a propensão burguesa pelo “jogo belo” e por jogadores virtuosos, dóceis, “bons moços, melhores filhos e pais de família” (Mignon, 1998, pp. 63-64).

Não se julgue que estas disputas e clivagens se cingem às diferentes dobras da inclinação adepta. Confluindo nessa fórmula de exaltação simultânea do génio “inspirado” e da suavidade “doméstica” escudou-se também o então presidente da FIFA, o suíço Joseph Blatter, numa intervenção pública na Universidade de Oxford ocorrida em finais de 2013 para justificar que, conquanto gostasse de ambos, preferia Messi a Ronaldo. Na caracterização polarizada nos contrastes entre Messi e Ronaldo de que Blatter deitou mão, de que a distinção entre “Messi” e “o outro”<sup>3</sup> foi a peça nominal axial, insinuou-se a visão de jogo (de classe) pequeno-burguesa, com maior probabilidade de assim se

3 Termo com que Joseph Blatter, substituindo a nomeação própria, mimoseou Cristiano Ronaldo na citada alocução, o que, evidentemente, só pôde fazer porque o *quadro de ação* opunha os dois maiores futebolistas da atualidade. A atuação completa do ex-presidente da FIFA pode ser vista em <https://sicnoticias.pt/desporto/2013-10-29-Blatter-assume-preferencia-por-Messi-e-goza-com-Ronaldo> (consultado a 10-4-2020).

instaurar como representação institucional – usamos este termo porque deliberadamente queremos evitar classificá-la como legítima e muito menos como hegemónica.

Estilos de jogo, jogadores que os emblematizam e classes sociais formarão assim um triângulo-chave para restituir a demanda contemporânea da performance futebolística. Prolongando o escalpe, imaginar-se-á, primeiro, que Ronaldo é comparativamente desqualificado por membros de fileiras burguesas e pequeno-burguesas detentoras de elevados capitais escolares que fazem do virtuosismo a *ultima ratio* da classificação futebolística. Mas corrigir-se-á, depois, essa conjectura, para prevenir um possível etnocentrismo (eurocentrismo). Esta hipótese só será válida no quadro das sociedades industriais do norte euro-americano. Se nos deslocarmos, por exemplo, para o contexto das relações e simbólicas de classe sul-americanas é possível que a hierarquia dos valores se altere e que ao menos certas fileiras operárias se mostrem sensíveis ao mapa cultural do jogador com ginga, habilidoso, que “trata a bola por tu”, ainda que esse “artista” enfrente sempre o espectro do “brinca na areia”.

Neste ponto deve ser enfatizado que, nestes casos, independentemente da sociedade, a correspondência entre qualidades futebolísticas e virtudes morais (de classe) servirá pelo menos tanto o engrandecimento adepto e clubístico quanto o futebolístico. Da mesma forma que, em paralelo, deve ser sublinhado que os jogadores em campo não se expõem apenas a sensibilidades de classe contrárias projetadas das bancadas sobre eles. A gestão das impressões (Goffman, 1993) que são compelidos a realizar será mais múltipla e complexa. Messi e Ronaldo, ao mesmo tempo como e mais do que qualquer futebolista em ação dentro das quatro linhas e das demais linhas com que se costura a *região frontal* da prática futebolística, são sujeitos não raro a um difícil dilema (que resulta da inscrição da ação em quadros de interação subtilmente diferenciados). O dilema respeita a que expectativas devem conformar-se. Às dos seus pares (os seus colegas), às dos seus treinadores e dirigentes ou às expectativas do público? Uma vez que cada uma destas audiências (como diria Goffman) pode e de facto socorre-se de critérios distintos de qualificação, o “grande” futebolista vê-se obrigado a tornar-se perito na arte da gestão das impressões. Revisitando a carreira de Cristiano Ronaldo na principal *região frontal*, o retângulo de jogo, que torna claro quão duplamente performática é a prática futebolística, tudo faz crer que esses espelhos normalizadores foram sendo progressivamente incorporados de maneira a, entre o mais e de acordo com a lógica da distinção, potenciar os investimentos de capital futebolístico.<sup>4</sup>

4 Quando chegou em 2003/04 ao Manchester United, a cada golo seu sucedia-se uma corrida para a câmara de televisão mais próxima, ignorando tudo e todos no estádio – pares, →

Da sociologia de Goffman, que nos alerta para a complexa *gestão das impressões* a que os jogadores de futebol são expostos, pinçamos a ideia capital de que as operações de enquadramento que emprestam significado lógico e normativo às convenções sociais não são dissociáveis das situações em que têm lugar. E essa ideia, por seu turno, fornece uma pista rica para que entendamos que, mesmo pensada como regime (ou como problemática) da singularidade (Heinich, 2013), a economia moral da prestação futebolística abrirá de facto para uma pluralidade de gramáticas sociais ou ordens de valor – que permeiam os juízos situados com que os atores munem a ação que protagonizam – cuja identificação, então, se torna imperativa.

Essa é, para nós, uma dimensão crítica do repertório de construções sociais *situadas* que as carreiras dos futebolistas profissionais atraem. Dimensão sem a qual ficar-se-á aquém de restituir plenamente o *espaço de possíveis* da produção social da grandeza futebolística. É esse espaço que procuraremos reconstituir e sistematizar nos próximos três pontos/passos deste artigo.

#### OS DISPOSITIVOS E AS PROVAS DA GRANDEZA FUTEBOLÍSTICA À PROVA DO FINAL DA CARREIRA

A idade e a longevidade futebolística de Messi e Ronaldo despertam, em si, a atenção. Messi tem, em fevereiro de 2025, 37 anos; e Cristiano Ronaldo acabou de completar 40. Enquanto a carreira deste se acerca de uns invulgares 23 anos (iniciou-a em 2002), tendo no dia 8 de março de 2020, num jogo

→ adeptos, o treinador –, em flagrante contraste com Wayne Rooney. Este, do seu lado, celebrava antes de mais com “a sua matilha”. Porém, pouco a pouco começou a diversificar as audiências a cujas expectativas respondia no momento da celebração. Apesar de não ignorar as câmaras, passou a encarar os adeptos na bancada e os seus “companheiros” no campo, complementando a *performance* não raro com gestos de agradecimento e até de mortificação. Assim aconteceu quando, em 2007, marcou um golo ao Sporting, em Alvalade, pelo Manchester United; quando, em 2013, marcou outro, dessa vez pelo Real Madrid ao Manchester United; ou quando, no mesmo ano, recorreu a uma gestualidade de penitência para reconhecer, perante os adeptos do Real Madrid, uma prestação menos conseguida no Santiago Bernabéu. Indiscutivelmente, até à dupla degradação da sua relação com o Manchester United e com o selecionador português na Copa do Mundo no Qatar, CR7 (sigla comercial de Cristiano Ronaldo que se cola à sua identidade futebolística) procurou ser, como poucos jogadores procuram ou até podem aspirar a ser, o colega impecável para os seus pares, profissional imaculado para os treinadores e dirigentes – de todos os treinadores que teve, só Mourinho não se desfez em panegíricos e encómios a suas qualidades profissionais – e dramático mas também fiel para os adeptos; fiel, como vemos, inclusive aos clubes (e às comunidades de admiração que os clubes polarizam) pelos quais já não joga – apogeu dessa fidelidade encenada, no sentido goffmaniano, a participação em 2013 numa campanha de angariação de sócios de seu clube formador, o Sporting, ostentando o “título” de sócio 100 000.

insolitamente disputado com as bancadas vazias,<sup>5</sup> alcançado 1000 jogos repartidos pelo serviço de quatro clubes (Sporting, Manchester United, Real Madrid e Juventus) e da seleção portuguesa, a daquele pouco dista: Messi estreou-se na primeira equipa do clube onde se manteve até junho de 2021, o Barcelona, quando corria ainda 2003. Inegavelmente, converteram-se nos dois principais futebolistas da sua época. Entre 2008 e 2023, entre si, quase monopolizaram o maior galardão<sup>6</sup> atribuído individualmente a um jogador de futebol. Só por duas vezes, em 2018 e 2022, fugiu de um deles, primeiro para o croata Luka Modric e, depois, para o francês Karim Benzema (ver quadro n.º 1). Estes dados impressionam tanto mais quanto se coteja a duração comparativamente curta das carreiras futebolísticas. Por norma, estas não vão além da década e meia, e é quando vão, longevidade que tanto Messi quanto Ronaldo já superaram. A sua rivalidade, particularmente a partir do momento, no verão de 2009, em que Ronaldo transitou da *Premier League* para *La Liga*, alega-se com frequência, terá contribuído muito para este *fechamento por exclusão* da grandeza futebolística. Puxando um pelo outro, ambos teriam entesourado feitos sem precedentes em títulos com os seus clubes e em (astronómicos) números de golos (quadro n.º 1), tornando virtualmente impossível a qualquer outro jogador aspirar a apeá-los do pedestal reservado aos maiores do desporto-rei.

É certo que esta hegemonia estará a chegar ao fim, se não chegou já. As alongadas carreiras futebolísticas de ambos encontrar-se-ão já na fase descendente. Não faltam provas ao mesmo tempo imaginadas e “verificadas” do declínio de ambos. À cabeça, a migração de ambos para palcos competitivos comparativamente periféricos na geografia (política) do capital futebolístico. Em dezembro de 2022, Ronaldo cessou a sua segunda passagem pelo Manchester United, rescindindo por mútuo acordo o contrato com o clube do Norte de Inglaterra, para ingressar no clube saudita Al-Nassr, num movimento encarado por muitos como uma “reforma dourada” antecipada. Por seu turno, Messi, finalizado o calendário competitivo no “Velho Continente”, em junho de 2023, após um período de ponderação em que terá estado em cima da mesa tornar ao Barcelona, optou por seguir para o “Novo Mundo”, firmando contrato com o clube norte-americano Inter Miami.<sup>7</sup>

5 Jogo entre a Juventus e o Internazionale de Milão sem público devido ao surto do Covid-19 em Itália.

6 Repartido pelo *Ballon d'Or*, o *FIFA Ballon d'Or* e *The Best FIFA Football Awards*.

7 Bem antes destes desenvolvimentos, a 08-07-2022, o Chief Sports Writer do *The Guardian*, Barney Ronay, já “decretava” a decadência de ambos num artigo significativamente intitulado “Ronaldo and Messi, fading stars, will not make your football club better”, <https://www.theguardian.com/football/2022/jul/08/ronaldo-and-messi-the-fading-stars-will-not-make-your-football-club-better>, consultado a 12-07-2022.

## QUADRO N.º 1

## Troféus individuais e coletivos conquistados por Ronaldo e Messi

Época	Cristiano Ronaldo			Lionel Messi		
	Títulos coletivos	Golos Clube + Seleção	Troféus individuais	Títulos coletivos	Golos Clube + Seleção	Troféus Individuais
2002/03	0	5	0	—	—	—
2003/04	FAC	6 + 2	0	—	—	—
2004/05	0	9 + 7	0	LL	1	0
2005/06	LC	12 + 3	0	LL, SCE, LCE	8 + 2	0
2006/07	PL	23 + 6	0	0	17 + 4	0
2007/08	PL, FACS, LCE	42 + 3	BO	0	16 + 3	0
2008/09	PL, LC, FACS, CMC	26 + 1	0	LL, CR, LCE	38 + 3	BO
2009/10	0	34 + 1	0	LL, SCE, SCU, CMC	47 + 1	FBO
2010/11	CR	53 + 3	0	LL, SCE, LCE	53 + 4	FBO
2011/12	LL	60 + 9	0	CR, SCE, LCE, CMC	73 + 9	FBO
2012/13	SCE	55 + 4	FBO	LL	60 + 9	0
2013/14	CR, LCE	51 + 11	FBO	SCE	41 + 7	0
2014/15	SCU, CMC	61 + 5	0	LL, CR, LCE	58 + 4	FBO
2015/16	LCE, CES	51 + 6	BO, FMP	LL, CR, SCU, CMC	41 + 9	0
2016/17	LL, SCU, CMC, LCE	42 + 14	BO, FMP	CR, SCE	54 + 3	0
2017/18	SCE, SCU, CMC, LCE	44 + 10	0	LL, CR	45 + 7	0
2018/19	AS, LNU	28 + 3	0	LL, SCE	51 + 3	BO, FMP
2019/20	SA	37 + 7	0	0	31 + 2	*
2020/21	CI, SCI	36 + 7	0	CR, CA	38 + 5	BO
2021/22	0	24 + 4	0	L1	11 + 4	FMP
2022/23	0	17 + 5	0	L1, TC, CMS	21 + 17	BO, FMP
2023/24	0	50 + 7	0	CA	25 + 6	0
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>895</b>	<b>7</b>	<b>40</b>	<b>854</b>	<b>11</b>

\* Não atribuído por causa da pandemia de Covid-19; \*\* Não atribuído ainda.

Legenda: FAC – FA Cup; LC – League Cup; FACS – FA Community Shield; PL – Premier League; CR – Copa del Rey; SCE – Supercopa de Espanha; LL – La Liga; SA – Serie A; CI – Coppa d’Italia; SCI – Supercoppa Italiana; SCU – Super Copa UEFA; L1 – Ligue 1 (France); TC – Trophée des Champions; LCE – Liga dos Campeões Europeus; CMC – Copa do Mundo de Clubes; CMS – Copa do Mundo de Seleções; CES – Copa Europeia de Seleções; LNU – Liga das Nações da UEFA; CA – Copa America; BO – Ballon d’or; FBO – FIFA Ballon d’or; FMP – FIFA Men’s Player.

Depois, a veia goleadora. Não obstante, na última época (2023/24), os “remates certos”, especialmente no caso de Ronaldo, terem retomado patamares de concretização extraordinariamente elevados,<sup>8</sup> nas duas épocas anteriores (2021/22 e 2022/23) os números de ambos, no que toca a golos, haviam caído para níveis “normais”, isto é, que muitos outros jogadores são capazes de emular.

Ainda, um conjunto díspar de discursos que ao mesmo tempo vaticinam e precipitam o encerramento da carreira de ambos. Desde as observações que o próprio Ronaldo já não reprime sobre o fim e o depois, a gestão da capacidade e da condição física (Ronaldo solicitou um interregno na representação da seleção portuguesa depois do Mundial 2018), as suas velocidade e explosão, passando pela “constatação” de Messi de que já não se vê a participar de novo numa Copa do Mundo, até críticas prolixas dirigidas a ambos, construídas a partir das categorias de veterano e até de ex-jogador, como a que Hugo Gatti, um antigo guarda-redes argentino, não há muito (em março de 2020)<sup>9</sup> dirigiu a Messi, mesclando-as nas ideias de “vencido” e “triste”. Enganar-se-ia, sabemo-lo hoje. Messi, após essa crítica demolidora, conquistou os dois títulos “mais desejados” que nunca antes ganhara: a Copa América em 2021 e, novamente, em 2024, e a Copa do Mundo em finais de 2022. Mas isso pouco importa diante do dispositivo que Gatti acionara, uma gramática conhecida que faz da renúncia a lutar, da supressão da pulsão competitiva, da vontade de ganhar, o princípio do fim da carreira desportiva (e não só).

Não obstante, será talvez prematuro falar de ocaso. Se, no *futuro colonizado*, se avista o horizonte de outras vidas, o *presente* abre-se ainda para outros episódios de carreira, menores que sejam. Pelo menos, Ronaldo não se cansa de puxar pela imaginação da sua comunidade de admiradores. Segundo uma narrativa posta a correr em 2018 que o próprio vai retomando em ensejos aniversariantes,<sup>10</sup> tem uma “idade biológica” dez a treze anos inferior à “idade

8 A que, importa notar, não será alheio: a) o facto de, então, Ronaldo realizar pela primeira vez uma época completa numa Liga, a da Arábia Saudita, muito menos competitiva, intensa e “impiedosa” para os avançados do que as Ligas europeias nas quais antes jogara; e b) o número relativamente elevado (treze) de grandes penalidades que, em 2023/24, teve oportunidade de “bater”.

9 “Messi parece um ex-futebolista”, não assinado, *Expresso*, 02-03-2020. Disponível em <https://tribunaexpresso.pt/revista-de-imprensa/2020-03-02-Messi-parece-um-ex-futebolista>, consultado a 07-04-2020.

10 “Testes médicos na Juventus revelam que Ronaldo tem 20 anos a nível físico”, Mariana Fernandes, *Observador*, 23-07-2018, disponível em <https://observador.pt/2018/07/23/testes-medicos-na-juventus-revelam-que-ronaldo-tem-20-anos-a-nivel-fisico/>, consultado a 07-04-2020.

cronológica”, mais uma razão para *estar para lavar e durar* na profissão de futebolista como atleta de alta capacidade e rendimento.<sup>11</sup>

Vale notar que esse momento crítico de saída do jogo social, de extinção do capital futebolístico – dito na gíria do futebol: *arrumar as botas* ou *pendurar as chuteiras* – como coroa de uma trajetória de decadência inevitável a que todos os futebolistas bem-sucedidos fatalmente se expõem, permite identificar alguns elementos importantes que vincam as formas sociais do engrandecimento futebolístico. Fá-lo, em larga medida, *por contraponto*. Os jogadores em geral, e em especial os *grandes do jogo*, cessam de sê-lo transformando-se de modo mais ou menos gradual em pálidas imagens de si mesmos até ao ponto-limite e intolerável em que se tornem irreconhecíveis. Por isso mesmo, importa admitir quando já *não se é igual a si mesmo*, dispositivo retórico autoendossado que intimamente disporá à saída pelo próprio pé, pela porta grande, prevenindo o arrastamento penoso e embaraçoso pelos campos de futebol e o juízo (crítico) devastador e vexatório: *não soube sair a tempo*. Ser, enfim, sujeito de uma carreira qualificada até ao último dia, prova do profissional sério que, desse modo, se respeita e se dá ao respeito até ao termo da carreira e, não menos importante, do homem de negócios astuto que sabe que a melhor forma de preservar os (chorudos) contratos publicitários da erosão desportiva é sair de cena antes que esta sobressaia.

De facto, a rendibilização económica da imagem é uma peça da equação que não pode ser suprimida. No dado de que, segundo a *Forbes*,<sup>12</sup> no seu conjunto, a década de 2010-19 demarca Ronaldo e Messi, respetivamente, como os segundo e terceiro atletas profissionais com mais elevados rendimentos acumulados (quadro n.º 2), prevalência que se frisa nos últimos anos do período, integra-se a parcela muito expressiva de proventos oriundos desse vinco mercadológico das figuras desportistas. No final do período, em 2019, realçar-se-á, Lionel Messi foi o desportista mais bem remunerado do mundo, recebendo

11 Estes jogos de classificação em que a idade do atleta, percebemo-lo, se torna uma função de reconhecimento e prestígio, por seu turno, lembram que a determinação da “idade a partir da qual (os membros de qualquer grupo social) se tornam ‘velhos’, isto, é ‘demasiado velhos’ para exercerem uma dada atividade ou para acederem legitimamente a certas categorias de bens ou posições sociais” (Lenoir, 1989, p. 64) constitui o *enjeu* fundamental da luta típica entre gerações em qualquer tabuleiro social: trata-se de definir “o momento em que as gerações mais jovens compelem as gerações mais idosas a retirarem-se das posições de poder de modo a que, vagando estas, elas as possam enfim ocupar” (Lenoir, 1989, p. 64).

12 The Highest-Paid Athletes of the Decade: Mayweather, Ronaldo and LeBron Dominate”, Kurt Badenhausen, *Forbes*, 23-12-2019, disponível em <https://www.forbes.com/sites/kurtbadenhausen/2019/12/23/the-highest-paid-athletes-of-the-decade-mayweatherronaldo-lebron-score/#15fdae7372d9>, consultado a 09-04-2020.

## QUADRO N.º 2

Rendimentos, respetiva fonte e posição na hierarquia dos desportistas mais bem pagos de Messi e Ronaldo

Ano	Cristiano Ronaldo				Lionel Messi			
	RT	P	CPP	PRNS	RT	P	CPP	PRNS
2015	79,6	3.º	27	33,9	73,8	4.º	22	29,8
2016	88	1.º	32	36,4	81,4	2.º	28	34,4
2017	93	1.º	35	37,6	80	3.º	27	33,8
2018	108	3.º	47	43,5	111	2.º	27	24,3
2019	109	2.º	44	40,4	127	1.º	35	27,6
2020	105	2.º	45	42,9	104	3.º	32	30,8
2021	120	3.º	50	41,7	130	2.º	33	25,4
2022	115	3.º	55	47,8	130	1.º	55	42,3
2023	136	1.º	90	66,2	130	2.º	65	50
2024	260	1.º	60	23,1	135	3.º	70	51,9
2010/19	800	2.º	—	—	750	3.º	—	—

Moeda e unidade do rendimento: milhões de dólares

Legenda: RT – Rendimento total; P – Posição na hierarquia dos desportistas mais bem pagos; CPP – Rendimento proveniente de contratos publicitários e de patrocínios; PRNS – Peso relativo do rendimento de origem não salarial no total do rendimento

um total de 127 milhões de dólares, 35 milhões dos quais (ou 27,6%) provenientes de contratos publicitários e de patrocínios. Cristiano Ronaldo, por seu lado, ocupava a segunda posição, apresentando, porém, uma repartição díspar do rendimento entre salário e contratos publicitários e patrocínios. De um total de 109 milhões de dólares, 44 milhões (40,4%) tinham origem em contratos publicitários e patrocínios. “Padrão”, aliás, que a nova década não rompeu, mas com uma nuance importante. Fruto fundamentalmente do contrato literalmente “das arábias” celebrado com o Al-Nassr, nos dois últimos anos, 2023 e 2024, Ronaldo passou a encimar a hierarquia dos desportistas mais bem remunerados, regressando a uma posição que ocupara pela última vez em 2017. Messi, por seu turno, declina em 2023 para o segundo lugar do “pódio” e, em 2024, para o terceiro. Se, no caso do futebolista argentino, o peso relativo dos contratos publicitários e dos patrocínios no rendimento global continuou a aumentar, no do português, pelo contrário, o salário tornou-se, em 2024, a fonte principal do rendimento, numa proporção (elevadíssima), de resto, nunca atingida no período 2015-2024.

Mais (e não menos) uma razão para nos determos nas construções sociais que fundam e apoiam os juízos de classificação que, por mais de uma década, crismaram Messi e Ronaldo como os dois maiores futebolistas no ativo. De

facto, por efeito dessa consagração, ambos têm bastante mais a perder do que o comum dos futebolistas com uma saída de cena pela *porta do cavalo*. A inércia do patrocínio comercial terá tantas mais condições para se prolongar além do final da carreira quanto, à maneira da homenagem de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro, poeta português falecido com apenas 25 anos em 1916, acerca de quem aquele grafou “Morre jovem o que os Deuses amam”, se evitar que o desgaste competitivo cubra o seu preço transnominando o futebolista de eleição num “velho” – etiqueta retórica que pregoa que, em torno do rotulado, não mais é expectável que combuste uma comunidade mercantil de admiradores.

As construções sociais a que aludimos terão menos que ver com a penetração contínua do desporto pela ordem da significação do entretenimento, em que o “adiamento da gratificação” é rechaçado, que até certo ponto molda os desportos enquanto mundos sociais hoje em dia, ou até com uma disputa frénética ao mesmo tempo reunindo e clivando diversas categorias sociais sobre quem é, presentemente, o melhor jogador de futebol, do que, como já indicámos, com o regime de singularidade futebolística que abre para uma pluralidade de registos valorativos a partir dos quais a grandeza futebolística será estabelecida. Esta sociologia do reconhecimento no futebol alavanca-se numa sociologia dos valores do futebol e em sentidos normativos ou, por outras palavras, numa sociologia das ordens de valor. É a partir desta que ensaiaremos a restituição da hierarquia singular (o que não significa unívoca) da estima social a que os (grandes) do futebol estão sujeitos.

#### SINGULARIDADE, CRÍTICA(S) E ECONOMIA MORAL DA PRESTAÇÃO FUTEBOLÍSTICA

Volvamos ao contraste entre o “génio de Messi” e “a competência futebolística extraordinária assente na determinação e na capacidade de trabalho de Ronaldo” e às operações críticas que, a propósito, esses arquétipos avivam.

Por regra, as críticas a Messi, limitadas, acordam na ideia de que só rende ou renderá em contextos “protegidos” (como supostamente comprovariam as suas exibições ao serviço da seleção da Argentina enquanto jogou no Barcelona). A esse espectro crítico/desqualificador não serão alheias as propriedades políticas “negativas” da figura de Messi avultadas por Alabarces (vistas acima). Ao mesmo tempo que baldam a personificação em Messi do herói argentino, escorraçam-no da comunidade política nacional como se de um estrangeiro se tratasse.

Notar-se-á que as vitórias da Argentina na Copa América em 2021 e em 2024 e no Campeonato do Mundo no Catar (2022), ambas posteriores à publicação do artigo de antropólogo argentino, terão instaurado uma nova fase

em que Messi, por fim, se terá tornado capaz de mobilizar *alternativamente* os afetos da comunidade nacional argentina. Mas com limites. De facto, nem assim Messi – como justamente sublinhara Pablo Alabarces – estaria em condições de se destacar da aura de fenómeno global para encarnar o mito plebeu do herói nacional que leva a pátria (desportiva ou qualquer outra) à vitória, mito profundamente enraizado na cultura argentina. Essa *angularidade global* não foi completamente apagada, nem mesmo com a conquista pela Argentina do título mundial no Catar em que Messi desempenhou um papel desportivo (reconhecidamente) essencial. Um exemplo interessante para se pensar a debilidade da conexão entre Messi e a Argentina foram os milhares de brasileiros que decidiram reunir-se para *torcer* expressamente por Messi contra a França na final do Mundial.<sup>13</sup> À luz da visceral rivalidade entre Argentina e Brasil este apoio seria, em princípio, impossível.

Muito diferente é o repertório de críticas que visa Ronaldo. As críticas a este, amiúde geradas pela comparação com Messi, realçam tipicamente o cariz construído do seu engenho futebolístico. Produção tecnológica putativamente comprovada pela própria variação de características técnicas de Ronaldo ao longo da carreira. O seu futebol ter-se-ia modificado – ou melhor: metamorfoseado de “garoto de finta fácil”, aptidão sulcada, segundo um técnico que trabalhou com ambos, na relação competitiva com Ricardo Quaresma nas camadas jovens do Sporting e polida e temperada na primeira etapa inglesa da sua carreira sob a égide de Alex Ferguson, em “finalizador implacável”. A ponto de, como provocadoramente frisava Fabio Capello em novembro de 2019, “não driblar um adversário há três anos”.<sup>14</sup> Assente no trabalho árduo e comprometido, à *socialização de driblador* teria sucedido uma *socialização de goleador*, implicando esta a perda das qualidades adquiridas por meio daquela, transmutação que, ela mesma, concretizaria o *triunfo da vontade* do próprio Ronaldo. Enquanto, numa biografia autorizada publicada em 2012, este afirmava que “driblar é a minha maneira de jogar, jogo assim desde pequeno, [...] gosto de fintar o adversário, compreendo que as pessoas se irritem com os meus dribles, os meus ziguezagues, os meus pontapés e passes de calcanhar [mas]... é o meu estilo e, se não o mudei em Inglaterra, não o vou mudar em

13 “Brasileiros se rendem a Messi e torcem pelo tricampeonato da Argentina em Buenos Aires”, Marcio Resende, *Estado de São Paulo*, 17-12-2022, <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2022/brasileiros-se-rendem-a-messi-e-torcem-pelo-tricampeonato-da-argentina-em-buenos-aires,f26354345d5ef889fe7627f9f06bd4533moeslte.html>, consultado a 09-01-2023.

14 “Fabio Capello: ‘Cristiano Ronaldo não dribla um adversário há três anos’”, não assinado, *Expresso*, disponível em <https://tribunaexpresso.pt/revista-de-imprensa/2019-11-11-Fabio-Capello-Cristiano-Ronaldo-nao-dribla-um-adversario-ha-tres-anos>, consultado a 08-04-2020.

Espanha”,<sup>15</sup> em 2017, em conversa casual, corrigia essa inclinação para o *show-off* focando o seu futebol nos golos: “Creio que no jogo o mais importante é ganhar e os golos ajudam a ganhar. Portanto, primeiro estão os golos, depois as assistências e só depois as fintas. O que as pessoas querem são os golos, eu procuro fazer isso.”<sup>16</sup>

Em suma, Cristiano Ronaldo não teria o dom, não teria sido objeto de graça, de dádiva. Ao contrário de Messi, esse sim um prodígio, um verdadeiro predestinado, ainda que, em bom rigor, esse “milagre futebolístico” tenha imposto a neutralização de um “milagre médico”: na sua adolescência, Messi foi submetido a tratamento intenso para ganhar estatura que de outro modo não obteria, designadamente com hormonas de crescimento. Nesse sentido, “o milagre futebolístico” é, parcialmente, uma construção médica.

Antes de examinarmos a gramática moral que provê de pleno sentido as proposições críticas que acabamos de destacar, duas digressões impõem-se.

Primeira. Os juízos em questão não deixam de evocar a oposição e a tensão entre a grandeza aristocrática do berço, do privilégio de nascença, e a grandeza burguesa associada ao esforço e ao mérito individual (Heinich, 2013). A forma singular de Messi presta-se a combinar ambas, mas a de Ronaldo não. No caso de Messi isso sucede por duas razões: 1) porque o privilégio, o dom, se articula numa vocação comprovada em que, superando a passividade do sujeito que é objeto de graça, o *artista* oferece prodigiosamente a sua vida ao futebol; 2) mas também porque essa forma se aproxima e até radicaliza o modelo do *fair play*, particularmente caro às frações mais instruídas das classes médias e à burguesia. Lembrar-se-á que, como grupos *outsiders* aspirando a estabelecer-se (Elias e Scotson, 1994), essas categorias de classe historicamente dispuseram-se a emular e a abraçar as convenções aristocráticas do respeito simultâneo pelas regras do jogo e pelo adversário, modelo que rechaça e censura até as modalidades menos subversivas dessas regras como a malandragem, o jeitinho e o gesto desleal iconografado na célebre “mão de Deus” de Maradona<sup>17</sup> que valeu à Argentina o apuramento para as meias-finais do Mundial de 1986 frente à Inglaterra. No caso da singularidade de Ronaldo, por contraste esta fica decisivamente exposta à desvalorização aristocrática da falta de imanência que a tutela.

15 Caioli (2012).

16 Conversa disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aZoODXrKVSsw>, consultada a 08-04-2020.

17 Ainda hoje o outro protagonista do lance, o guarda-linha inglês Peter Shilton, se revolta quando recorda esse lance e, também, o facto de, segundo ele, Maradona nunca ter pedido desculpas. Esse mal-estar transparece bem numa entrevista concedida ao *The Guardian* em janeiro de 2020, disponível em <https://www.theguardian.com/football/2020/jan/15/peter-shilton-respect-diego-maradona-england-hand-of-god>, consultada a 07-04-2020.

Segunda. Sem surpresa, o facto de ter chegado onde chegou por “vontade férrea e trabalho árduo, mérito e sacrifício, dedicação e paixão pelo jogo” não deprecia necessariamente Cristiano Ronaldo. Colegas de profissão e, principalmente, os técnicos que o treinaram, pelo contrário, exaltam frequentemente a *ética de trabalho* de CR7. Prendado pela reputação de ser, pelas equipas por onde girou, sistematicamente o primeiro a entrar no recinto de treino e o último a sair,<sup>18</sup> é ainda tido como um modelo de atleta que subordinou o *estilo de vida* à integridade profissional e à carreira. Apesar da frustração de o ter perdido, em 2009, para o Real Madrid, Alex Ferguson, carismático e vitorioso técnico do Manchester United por longos 27 anos, sempre se referiu a Cristiano Ronaldo em termos muito lisonjeiros, em particular quando cabia louvar a sua insuperável ética de trabalho. Por seu turno, Jorge Jesus, que nunca o treinou, em mais de um momento elogiou essa *carnalização* da ética de trabalho como condição altamente diferenciadora dos futebolistas de elite. Numa entrevista dada à *Globo Esporte*, em 2019, não hesitou: “O Ronaldo devia ser um exemplo para todos os jogadores. Todos tinham que olhar para o Ronaldo, não pela qualidade, mas por aquilo que ele é como profissional, como ele chegou lá.”<sup>19</sup> E, poucos meses após, falando de duas jovens estrelas emergentes do futebol português, João Félix, transferido no verão de 2019 do Benfica para o Atlético de Madrid pela soma astronómica de 120 milhões de euros, e Rafael Leão, que evoluía no Milan, precisava: “Têm de olhar para o Ronaldo e perceber o que ele fez para ser o melhor. Na tua carreira esportiva, tens de abdicar de coisas que enquanto jovem terias. Não podes ter. Enquanto jovem, tens de perceber que não podes ser um jovem que não está ligado ao futebol. Ele, para mim, é a referência número um do Mundo.”<sup>20</sup>

18 Ainda muito recentemente, o centro-campista brasileiro Anderson, que jogou no FC Porto antes de se juntar a Ronaldo no Manchester United, referindo-se à fase em que morou na casa de Ronaldo em Manchester, testemunhava que “o treino era às 9.30 horas, mas às vezes tínhamos de sair de casa às 6.30 horas porque ele ia mais cedo e íamos com ele. O Nani e eu dormíamos nas macas, à espera, porque ele começava o trabalho mais cedo.” Disponível em <https://www.jn.pt/2027084111/anderson-ronaldo-treinava-as-630-horas-eu-e-o-nani-dormiamos-nas-macas/>, consultado a 02-02-2024.

19 A parte transcrita dessa entrevista consta de uma nota noticiosa publicada no jornal desportivo *O Jogo* no dia 8 de setembro de 2019. Disponível em <https://www.ojogo.pt/internacional/portugueses/noticias/jesus-aconselha-neymar-a-inspirar-se-em-ronaldo-para-chegar-ao-topo-11280338.html>, consultado a 05-04-2020.

20 “Jesus elogia ‘extraterrestre’ Ronaldo e aconselha João Félix e Rafael Leão a seguirem-lhe as pisadas”, Sérgio Magalhães, *Record*, 05-03-2020, disponível em <https://www.record.pt/o-diario-de-cr7/detalhe/jesus-elogia-ronaldo-e-aconselha-joao-felix-e-rafael-leao-a-seguirem-lhe-as-pisadas>, consultado a 05-04-2020.

Note-se que uma composição firmada na ética do trabalho, numa relação ascética com o esforço, numa disciplina de vida quase marcial (Rasera, 2016, pp. 197-235), no sacrifício (incluso da própria juventude), na tolerância à dor, na aceitação do sofrimento (Bertrand, 2012), não desqualifica, quer dizer, não reduz fatalmente o capital futebolístico seja de Cristiano Ronaldo seja de que jogador for. Aliás, até podemos ir mais longe. Há todas as razões para crer que as polaridades dom/talento e trabalho/dedicação profissional nem sequer se instituem necessariamente como antinomias. Veja-se o exemplo antes invocado de Pelé; como se verá, outro exemplo, o caso de Arthur Antunes Coimbra, o Zico, grande ídolo da torcida rubro-negra dos anos 70 e início da década de 80 do século passado, ainda hoje recordado como o artífice principal da primeira conquista da Copa Libertadores pelo Flamengo em 1981.

Zico demorou a impor-se na primeira categoria do “Mengão”. A razão? A sua morfologia. Apesar das qualidades futebolísticas que lhe eram reconhecidas apresentava, como Messi, um físico franzino: era baixo, magricelas, com pouca massa muscular; era, em suma, um corpo não-atlético e, por isso mesmo, tido como inepto para a alta competição desportiva. Interveio, então, pessoal médico prescrevendo-lhe tratamento hormonal de crescimento e treino específico para gerar um aumento das massas musculares, intervenção que levou recentemente Rodrigues a nomeá-lo como “o primeiro jogador de laboratório do Brasil”.<sup>21</sup> Zico nunca enjeitou esta “reputação”. Pelo contrário. Tirou partido dela para se consagrar numa síntese que, um pouco forçadamente, rotularemos de *vocação construída*. Como ressalta Helal (1999), “temos na biografia de Zico uma ênfase inicial no passado relativamente pobre e no prazer e talento inato em jogar futebol, que surgiram bem no início da infância”, para adiante discorrer sobre “uma outra realidade, calcada primordialmente no predomínio do esforço e da determinação como instrumentos basilares para se alcançar êxito”. “A narrativa da figura mítica de Zico é um emblema de um modelo que une profissionalismo e paixão, determinação e prazer, esforço e alegria de praticar o futebol” que, em caso algum, abre para a semântica do “jogador esforçado”, uma maneira de vincar que a esse nem a aplicação à prova de bala compensa a falta de engenho.

Estas diferenças que vimos assinalando, apimentadas por norma quando estala mais um episódio da controvérsia em torno do melhor jogador do mundo, tornam claro que, como acima protestamos, a singularidade

21 Este juízo do sociólogo Francisco Xavier Freire Rodrigues surge no decorrer de uma entrevista que está disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=\\_1Avigqg9NE](https://www.youtube.com/watch?v=_1Avigqg9NE), consultado a 05-09-2020.

futebolística é enformada por uma pluralidade de registos valorativos. O modelo das economias da grandeza (Boltanski e Thévenot, 1991) revela-se, por isso mesmo, um excelente operador teórico para aprofundar o estudo que aqui vimos empreendendo sobre a economia moral da prestação futebolística. Com efeito, fada à exploração de diferentes ordens de convenções (ou *cités*) que compõem múltiplos (ainda que limitados) referenciais cognitivos e morais a partir dos quais os seres e as ações são objeto de operações situadas de qualificação e de hierarquização.

Em termos de que ordens de convenções, perguntar-se-á então, é justo (legítimo) catalogar Messi como o maior futebolista da atualidade ou depreciar a capacidade futebolística de Cristiano Ronaldo, ou, pelo contrário, couçar esta a qualquer tipo de censura?

**DAS AÇÕES QUE CONVÊM AOS FUTEBOLISTAS:  
IDENTIFICANDO AS PRINCIPAIS ORDENS DE CONVENÇÕES  
DA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA**

Muita dessa disputa, e da coordenação significativa que implica, tudo indica decorrerá segundo os constrangimentos cognitivos e as regras gramaticais da  *cité*  da inspiração (Boltanski e Thévenot, 1991). A inspiração que caracteriza a singularidade da criação artística, científica (Heinich, 2006) e, vemo-lo agora no caso que aqui estudamos, futebolística é articulada como “graça”, uma dádiva que, sendo oferecida ao sujeito/ser que dela se torna portador, de um lado repele que na inspiração se dê guarida ao mérito e, do outro lado, demanda a sua manifestação singela no mundo justamente como prova de que aquele que dela beneficia de facto a recebe como dádiva. Isso, por seu turno, tende a conter a procura (ou a expectativa) da notoriedade, do reconhecimento do êxito, da reputação, da celebridade, mais próprios do estado de grande da  *cité*  da opinião/do renome. Messi é o protótipo desta inspiração discreta e despojada, em quem a gramática do reconhecimento praticamente não se vinca. Quase<sup>22</sup> toda a carreira não pareceu jogar para provar nada ou para ser distinguido com prémios que caucionem a sua grandeza futebolística, nunca se fanfarreia de suas façanhas futebolísticas. Não as enjeita, mas não se norteia por elas de modo a ser idolatrado por um público entusiasta. Mesmo que o seja na forma extrema da *gestualidade de veneração a divindade* com que os adeptos do Barcelona

22 Praticamente e quase servem aqui o propósito de uma ressalva necessária: quase como um deslize, em dezembro passado, recordando a atribuição do *Ballon d'or* em 2017, Messi confessou à *France Football* que “gostava de ter cinco Bolas de Ouro e ser o único. Quando Cristiano Ronaldo empatou comigo, admito que me doeu um pouco, já não estava sozinho no topo”.

amiúde encenavam coletivamente no Camp Nou o reconhecimento da *paixão de Messi* num novo lance ou golo “misterioso”, “sobre-humano”, “milagroso” da sua lavra, instituição que, afinal de contas, confirma a transcendência da “graça” que acabaram de testemunhar. Exatamente o oposto de Ronaldo. O jogador com mais “internacionalizações” da história do futebol português e melhor marcador de sempre da seleção portuguesa, de um lado, talha a sua *diferentia specifica* no mérito/trabalho<sup>23</sup> e, do outro lado, gratifica-se publicamente dos troféus individuais que foi acumulando ao longo da carreira, ao mesmo tempo que não se coíbe de espectacularizar e dramatizar o desencanto quando não os conquista, furtando-se por sistema às cerimónias de outorga de honrarias do *métier* quando, estando nomeado, fica ciente de que dificilmente lhe serão atribuídas.

Mas nem só da *cité* da inspiração ou, até mais rigorosamente, do mundo da inspiração germina a penetração da ação futebolística por certas gramáticas cognitivas e morais. Com efeito, nas suas formas (mais) “normalizadas”, se é verdade que a singularidade futebolística é permeada pela qualificação inspirada das proezas protagonizadas em campo (não basta marcar muitos golos, é preciso marcar grandes golos, golos de belo efeito, só ao alcance de uns poucos; não basta ganhar muitos títulos, é necessário provar que se fez a diferença em todos eles), não é menos certo que marcar muitos golos e ganhar títulos importantes *faz diferença*. Por outras palavras, a ordem legítima de grandeza também espelha um princípio (superior comum) de eficácia. No mundo industrial, a grandeza das pessoas mede-se precisamente pela sua eficácia, pela produtividade dos seus atos, associada a uma competência técnico-pericial adquirida pela formação e pelo trabalho e modelada na figura do profissional (exemplar).

À luz deste conjunto organizado de dispositivos industriais, Cristiano Ronaldo ascende ao estado de grande, caracterizado pela eficácia, pela performance e pela funcionalidade, tal como, importa equacionar sem demora, Messi. São eles, enquanto peritos incomparáveis da arte do golo e da acumulação de títulos dos clubes que representam, que definem a hierarquia dos estados de grandeza a partir de graus desiguais de utilidade futebolística. A *cité* industrial, de resto, serve frequentemente de referencial ou apoio às justificações que a crítica baseada na *cité* inspirada tende a direccionar a Ronaldo. Quando, a partir desta, se denunciam *deficits* de criatividade no futebol de

23 Numa entrevista dada à *France Football*, afirmava: “Neste momento, tento melhorar no jogo com o meu pé esquerdo, e também a minha aceleração e as cobranças de falta. É um atributo em que tive menos êxito ultimamente. Sei que vai melhorar, só que preciso de ter a humildade de entender que, sem muito treino, as coisas não saem. O meu guia é o trabalho.”

CR7, a partir daquela é possível renegar o próprio princípio mediante o qual a crítica é estabelecida, por exemplo, afirmando que o futebol-espetáculo, “de encher o olho,” “de fino recorte artístico”, de pouco vale se não se concretizar em vitórias e títulos; ou justificando que o talento “natural” sem ser pregado numa robusta ética do trabalho tem, por regra, consequências desastrosas.<sup>24</sup>

Dir-se-á, a rematar, que a singularidade futebolística, ou o que, noutra linguagem teórica, se designaria capital futebolístico, expressa um compromisso inspirado-industrial com sinais de alguma instabilidade. Em certas situações, os constrangimentos cognitivos e as regras gramaticais das duas *cités* serão razoavelmente harmonizados, o que, entre outros casos, pode acontecer quando o dom é significado como talento em vez de dádiva (Damo, 2007), abrindo para a sua “depuração” em mestria futebolística pelo treino e pelo regramento ascético do estilo de vida. Noutras situações, as *cités* desagregar-se-ão para cada uma constituir fundamento de críticas e justificações dirigidas e instigadas pelo agenciamento da situação pela outra. Se Messi e Ronaldo ainda monopolizam as celeumas públicas acerca de jogador que merece empunhar o cetro do melhor futebolista do mundo da atualidade, outros se vão perfilando como pretendentes, do francês Kylian Mbappé ao norueguês Erling Haaland, com mais uns quantos pelo meio. Não podemos nem queremos prognosticar qual (ou quais!) dos herdeiros ocupará o trono, mas conceder-nos-emos

24 O exemplo de Fábio Paim, contemporâneo de Cristiano Ronaldo nas camadas jovens do Sporting vem, a esse respeito, periodicamente à baila para provar que o dom, em si, de nada serve. Paim foi considerado a maior promessa das escolas do Sporting, maior até que Cristiano Ronaldo, que dele terá dito à chegada a Manchester, em 2003, que era muito melhor do que ele próprio. Convicção, aclare-se, trivial à época nas hostes leoninas. Em entrevista concedida ao jornal *Record* em 2020, o então coordenador do futebol juvenil do Sporting, Luís Martins, partilhava a seguinte memória de Paim: “A dada altura achávamos que ele tinha mais potencial do que o Ronaldo e até acreditávamos que seria difícil segurá-lo no mercado. Tinha o Real Madrid, o Manchester United e outros clubes no seu encaixe, era agenciado pelo Jorge Mendes desde muito cedo, portanto, imaginávamos que tudo seria muito rápido para ele” (declarações disponíveis em <https://www.record.pt/futebol/detalhe/luis-martins-record-a-dada-altura-achavamos-que-tinha-mais-potencial-que-o-ronaldo>, consultado a 23-04-2020). Hoje com 37 anos, o “menino prodígio” de outrora, cuja carreira profissional nunca chegou a descolar, sugado, ainda nem sequer chegara a sénior, para uma espiral de decadência, envolver-se-ia nos últimos anos no tráfico de droga. Após ser detido, aguardou julgamento em prisão preventiva entre agosto de 2019 e maio de 2020, acabando condenado pelo crime de tráfico de droga a uma pena suspensa de quatro anos e meio. Em agosto de 2020, soube-se que, após três anos de interregno, reassumiria a condição de futebolista profissional numa equipa da quarta divisão polaca, o LZS Starowice. Todavia, nunca chegou a atuar por este clube encontrando-se hoje definitivamente “retirado das competições oficiais”.

a leviandade de prever que, tal como agora, se tratará de um processo enquadrado por controvérsias, críticas, contracríticas e justificações construídas em juízos situados fundadas nas gramáticas cognitivo-morais que caracterizam os mundos da inspiração e industrial.

#### NOTA CONCLUSIVA: DOS MISTÉRIOS SONDÁVEIS DO DOM FUTEBOLÍSTICO

Foi o etnólogo Marcel Mauss quem, no *Ensaio sobre a dádiva* (2017), popularizou o conceito de dom e o consagrou como categoria-chave nas ciências sociais. A *economia do dom* seria uma forma distinta de troca e circulação de mercadorias nas sociedades arcaicas em que o valor-chave não seria o utilitarismo, mas o simbolismo. Na obra de Mauss, a troca é o fenómeno que antecede e fundamenta o mundo social. Nos últimos anos, a releitura crítica da obra de Marcel Mauss tem feito com que diversos pesquisadores se questionem sobre o lugar do dom nas sociedades contemporâneas. No mundo do futebol, como noutros fundados na *originalidade* e no *rasgo de inspiração*, o problema “teórico” do dom virgula especificamente, uma vez que o termo *dom* faz, nativamente, parte da gramática futebolística. Considerando esta dupla inscrição, o antropólogo brasileiro Arlei Damo (2007: 13) lembra a forma como o dom é um fenómeno essencialmente coletivo: “A força do dom reside na crença daqueles que o manipulam.” Por isso, tanto ou mais importantes para a restituição do *espaço de possíveis* do mundo do futebol quanto o alegado dom de Messi ou de Ronaldo são os símbolos (em sentido lato) construídos em torno da grandeza futebolística de cada um – grandeza, importa não olvidar, polemicamente arbitrada tantas vezes em juízos direta e antinomicamente comparativos das capacidades e habilidades de ambos.

O que a análise aqui empreendida, entretanto, mostra é que a produção social da grandeza futebolística entre os atores da prática futebolística está conectada aos juízos de qualificação que os mesmos produzem sobre os jogadores e os seus feitos não apenas “dentro das quatro linhas”. A oposição estrutural entre grandeza como resultado do trabalho e grandeza como virtuosismo não é nova, nem se esgota no caso de Messi e Ronaldo. Como não converge apenas nela o efeito que as classes sociais produzem na construção dos estilos de jogo e na construção social de uma estética futebolística, vincada no contraste entre a preferência burguesa pelo “jogo bonito” e a operária pelo “jogo másculo”. Ou a complexidade e a heterogeneidade da mobilização dos registos lógico-valorativos.

Não obstante o dom (reconhecido), mas não contra o dom enquanto *economia de circulação e troca de bens simbólicos*, Messi foi até há pouco encarado

de lado, com desconfiança, no seu país. Ronaldo, na sua primeira passagem por Manchester, experimentou igualmente a rejeição de parte dos adeptos do MU, que admiravam mais a figura de Scholes do que a do português.

Lembram estas “resistências” que, não obstante Messi seja cotado, de forma sistemática, como um génio da bola, alguém literalmente agraciado com um dom inato, enquanto Ronaldo, diferentemente, tende a ser descrito como um jogador cujo êxito repercutiu, pelo menos, tanto o esforço e a dedicação quanto o talento, a grandeza futebolística não deixa de ser sobredeterminada por bens simbólicos em trânsito fluído e dinâmico. Como na obra de Marcel Mauss, o dom que se recebe é sempre posto em circulação, no movimento contínuo do dar-receber e retribuir. À medida em que entra em circulação, os seus significados alteram-se, adequando-se contexto a contexto, *juízo situado a juízo situado*, segundo um princípio geral dessa dinâmica inserido logo na introdução: o compromisso de gramáticas morais e princípios plurais de justiça que compõe a instituição futebolística moderna caracteriza-se por uma fraca estabilidade. A qualquer momento pode ser questionado, enfraquecido por novas críticas. Foi justamente deste compromisso que demos conta, fazendo-lhe mira através de uma espécie de *still pictures* a partir das quais pudemos fazer sobressair de modo sociologicamente fundamentado as peças mais estruturais que organizam a economia do engrandecimento futebolístico: as *cités* da inspiração e industrial.

## BIBLIOGRAFIA

- ALABARCES, P. (2018), “De Maradona a Messi: viejos y nuevos argumentos sobre el héroe deportivo y la patria”. *Im@go. A Journal of the Social Imaginary*, 11, pp. 26-43.
- BERTRAND, J. (2012), *La fabrique des footballeurs*, Paris, La Dispute.
- BOLTANSKI, L., THÉVENOT, L. (1991), *De la justification. Les économies de la grandeur*, Paris, Gallimard.
- BROMBERGER, C. (1995), *Le match de football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*, Paris, Maison des sciences de l'homme.
- CAIOLI, L. (2012), *Cristiano Ronaldo. A Perfeição É o Limite*, Lisboa, Presença.
- DAMO, A. S. (2007), *Do Dom à Profissão. A Formação de Futebolistas no Brasil e na França*, São Paulo, Aderaldo & Rothschild Ed. e Anpocs.
- DURET, P. (1993), *L'héroïsme sportif*, Paris, PUF.
- ELIAS, N., SCOTSON, J. L. (1994), *The Established and the Outsiders*, Londres, Sage.
- GOFFMAN, E. (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio D'Água.
- HEINICH, N. (2013), “Avoir un don. Du don en régime de singularité”. *Revue du Mauss*, 41 (1), pp. 235-240.
- HELAL, R. (1999), “As idealizações do sucesso no imaginário brasileiro”. *Logos*, 10, pp. 38-42.
- LENOIR, R. (1989), “Objet sociologique et problème social”. In P. Champagne, R. Lenoir, D. Merllié, L. Pinto (eds.), *Initiation à la pratique sociologique*, Paris, Dunod, pp. 53-100.
- LOPES, J. S. L., MARESCA, S. (1992), “A morte da ‘alegria do povo’”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (7), pp. 113-134.
- MAUSS, M. (2017), *Ensaio sobre a dádiva*, Lisboa, Edições 70.
- MIGNON, P. (1998), *La passion du football*, Paris, Odile Jacob.
- POCIELLO, C. (1983), *Sports et société*, Paris, Vigot.
- RASERA, F. (2016), *Des footballeurs au travail. Au cœur d'un club professionnel*, Marselha, Agone.
- WAGG, S. (2010), “Cristiano meets Mr Spleen: global football celebrity, mythic Manchester and the Portuguese Diaspora.” *Sport in Society*, 13 (6), pp. 919-934.

---

Recebido a 02-08-2023. Aceite para publicação a 29-02-2024.

---

NUNES, J. S., BURLAMAQUI, L. G. (2025), “Da economia do engrandecimento futebolístico. Génio, trabalho e outros mistérios da recriação”. *Análise Social*, 254, LX (1.º), e2382. <https://doi.org/10.31447/202382>.

---

João Sedas Nunes » joaosedasnunes@fcs.unl.pt » NOVA/FCSH e CICS.NOVA » Avenida Berna, 26 C — 1069-061 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0003-2199-190X>.

Luiz Guilherme Burlamaqui » luiz\_burlamaqui@hotmail.com » Instituto Federal de Brasília » SGAN Quadra 610, Módulos D, E, F, G, Asa Norte — CEP 70830-450, Brasília, DF, Brasil » <https://orcid.org/0000-0003-0872-2318>.

---